



**BERNNÔ**

CURADORIA **MARCO GIANNOTTI**



# Bernnô

curadoria **Marco Giannotti**

abertura **19 de maio 19 h**



# Bernnô

Vilma Eid

O José Bernnô, artista que infelizmente não conheci, entrou na minha vida e na minha coleção através de dois queridos amigos.

O primeiro deles é Rodrigo Naves, cujo artigo publicado em página inteira no Caderno 2 do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 19/8/2008, chamou muito minha atenção. Rodrigo nos mostrou que ali estava um artista pronto para ser recebido pelos apreciadores da pintura.

Com talento e uma obra já madura, meu outro querido amigo, Maurício Buck, e sua mulher Leila fizeram a primeira exposição de Bernnô no Escritório de Arte Mauricio Buck, com curadoria do Cauê Alves.

Muito impressionada com a obra, comprei um trabalho. Mas, a cada vez que eu via as pinturas do Bernnô expostas, não resistia e comprava mais um e mais um, e de repente eu tinha cinco. Cada vez que olho para eles vou descobrindo uma coisa ali, outra acolá, gostando sempre mais desse convívio.

Bernnô nasceu talentoso, mas trabalhou muito para que o seu talento fosse reconhecido. Fez Faculdade de Belas Artes em São Paulo, foi aluno dos pintores Paulo Pasta e Marco Giannotti, além de ter feito curso de História da Arte com Rodrigo Naves.

O Maurício preparava uma mostra de desenhos para o MAM quando José Bernnô teve um AVC. Peças que a vida prega! Com toda uma carreira pela frente, vai-se embora o homem, o artista.

Alguns anos depois, o Mauricio fechou seu escritório de arte e me convidou para dar continuidade ao trabalho iniciado com sucesso. O contato com os filhos, Michely e Tiago, foi o empurrão que faltava para o meu mergulho. A alegria deles foi tão grande com a oportunidade de mostrar as obras que o pai deixou que eu nem podia pensar em não ir em frente com o projeto.

O Marco Giannotti, além de professor, foi amigo muito próximo do Bernnô. Por isso, nada mais natural do que convidá-lo para a curadoria. Testemunhei a sua emoção ao ser chamado. Seu texto mostra a familiaridade com a obra e com o amigo.

Pronto, cá estamos nós nesse tributo ao Jose Bernnô, mostrando o que ele batalhou tanto para conseguir. Ele se foi, mas a sua pintura ficou.



Sem título, 2005  
Cera, tinta a óleo e automotiva sobre tela  
180 x 180 cm





Sem título, 2004  
Cera, tinta a óleo e automotiva sobre tela  
180 x 180 cm



# Matéria calcinada

Marco Giannotti

Quem teve o privilégio de conhecer José Bernnô com certeza o definiria como uma personalidade solar. Fui seu professor e sobretudo amigo. No ano de seu falecimento, passou o réveillon com minha família. Em dias de forte calor e chuva, sua principal diversão foi ensinar meus filhos a fazer pipas. Nada mais coerente para quem sempre gostava de fazer a cor decolar. Quem teve o privilégio de conhecê-lo também sabia que ele era uma pessoa esquentada, um vulcão emotivo prestes a explodir a qualquer momento.

Torna-se artista não na sala de aula, mas no Bairro do Limão. Foi ali que descobriu que poderia aliar a experiência de pintor automotivo com a de pintor de quadros. Às 18 horas fechavam-se as portas e o artista despertava madrugada afora. Não é à toa que sua exposição mais contundente em vida foi na própria oficina. Bernnô soube aliar suas inquietações contemporâneas ao espírito comunitário. Sempre participou das atividades do seu bairro, chegou a realizar as alegorias para a escola de samba Mocidade Alegre. O pintor do Limão nos faz lembrar do pintor do Cambuci, Volpi. Como ele, realizou no início da carreira afrescos decorativos. O teto de sua sala, em um conjunto habitacional, nos levava ao mundo onírico da pintura italiana e seus grotescos.

As pinturas selecionadas para esta exposição são o registro de uma personalidade forte. De imediato o que vemos são pinturas de superfícies cromáticas intensas entrecortadas de maneira lancinante. A fatura é exacerbada e instigante. Bernnô soube fazer uma alquimia entre a pintura a óleo e as resinas alquílicas utilizadas para fins automotivos. Quando estudava na Escola de Belas Artes de São Paulo chegou a fazer pintura personalizada para automóveis. Talvez por isso é que sua paleta nos faz lembrar da época em que os carros ainda tinham cor: Brasília amarela, Corcel azul, Variant bege etc. Soube fazer da cor emoção: podemos ver em suas pinturas um fragmento de amarelo angustiado, noutra parte um azul apaixonado, noutro canto um laranja entristecido. A matéria pictórica aparenta ter passado por um processo de calcinação ao ser submetida ao calor intenso de um forno industrial. Formas geométricas se reconfiguram nesse processo e assumem um aspecto orgânico, rochoso. Aludem ao magma, que, ao esfriar em contato com a terra, apresenta veios líquidos das mais variadas formas. As figuras parecem surgir a partir da matéria vulcânica.

Evocar uma pintura calcada à superfície pode soar como jargão modernista. Mas o fato é que Bernnô faz desse mote razão de ser. Se buscarmos uma referência, certamente a obra de Clifford Still é basilar. Suas pinturas em larga escala, com um cromatismo imponente, formas orgânicas que se chocam, influenciaram muitos artistas do expressionismo abstrato. Talvez sua contribuição mais importante para esse grupo tenha sido o “all over”, uma composição que rompe com a relação clássica de figura e fundo. A pintura se desvela como um espaço contínuo, onde o enquadramento aparece como um recorte de um lugar mais amplo. De maneira intuitiva Bernnô assimilou essas características em sua obra. Ele não é um artista que busca uma pintura tonal refinada, como Paulo Pasta, artista e professor importante na sua formação. Aliás, talvez tenha sido influenciado pela sua pintura inicial, onde a superfície mais bruta era feita ao escavar

a matéria oculta. Um vestígio azul aflora numa superfície vermelha. Mas, em vez de evocarem um passado longínquo, são cores do mundo, dos cartazes, automóveis, utensílios. Surge daí uma pintura calcada na superfície da tela de maneira obstinada. Não temos acesso à trama da tela, pois ela foi efetivamente calcinada por um revestimento imune à água e às novas marcas do tempo. Embora as cores gritantes nos levem a pensar em Van Gogh, a pintura não é feita com pinceladas que carregam a cor pura recém-saída de um tubo de tinta. O gesto se esconde nas superfícies laminadas.

Suas pinturas resistem à palavra, denotam até um certo brutalismo que nos faz pensar nas estruturas pintadas de vermelho que sustentam o MASP. Colocam-se no espaço sem timidez. Como no concreto armado, exibem as marcas do seu processo de fundição. Crostas emergem desse magma. Curiosa alquimia na qual a pintura a óleo perde seu aspecto óptico e adquire massa graças aos complementos alquídicos. O processo construtivo em muito se assemelha ao processo da colagem, método compositivo que é determinante na maneira de articular imagens a partir do século XX. Em um momento importante de sua formação ele chegou a pintar em caixas desmontadas de papelão. Nesse caso, os recortes se agrupam fortuitamente e criam uma sensação de unidade maior do que a soma das partes. Campos cromáticos assumem um aspecto de figura quase por acaso, de modo que passamos a imaginar uma geometria que volta a se encontrar com o espaço do mundo. Por esse motivo não encontramos nem linhas retas nem quadrados perfeitos em sua pintura. As hastes verticais que aparecem de vez em quando nos fazem lembrar os postes corroídos pelo tempo e que estão prestes a cair após um temporal. As marcas do horizonte não nos levam ao mundo sublime, são como as simples marcas feitas com esmalte em uma oficina mecânica para evitar a sujeira. Bernnô celebra assim a riqueza do mundo comum, onde qualquer um pode participar, entrar em sua oficina e tomar uma cerveja.



*Torre, série Geometria Bamba, 2005*  
Cera, tinta a óleo e automotiva sobre tela  
50 x 50 cm



*Sentorre, 2005*  
Cera, tinta a óleo e automotiva sobre tela  
50 x 50 cm

Tudo parece estar um pouco fora da ordem: linha, cor, a matéria bruta. O belo advém desse estranhamento criado entre o popular e o erudito. Nesse sentido, a exposição que se inaugura na Galeria Estação me parece muito apropriada, pois justamente neste lugar é que a arte popular brasileira é apresentada lado a lado com artistas relevantes do nosso cenário. No caso de Bernnô, não caberia uma comparação com outro artista popular, pois ele busca incorporar esses dois mundos distintos. Figura singular, tentava conciliar os mundos opostos da Zona Norte e da Zona Sul de São Paulo.

Certa vez Eduardo Sued comentou que o problema do amarelo é que trata-se de um sujeito muito alegre e aberto, mas logo se torna uma visita incômoda na casa. Bernnô convive muito bem com essa cor. Quando vemos um amarelo em sua pintura sentimos um prazer especial ao evocar sua personalidade solar. Poucos artistas efetivamente souberam utilizar tão bem essa cor em uma cidade como São Paulo. Embora o cinza seja a cor mais atribuída a nossa cidade, o fato é que temos uma metrópole permeada pelo vermelho do tijolo baiano, pela cal do pó xadrez nas fachadas, pelos azulejos quebrados, pelos cartazes coloridos colocados de modo precário nas avenidas.

Ensinada nas escolas, a cor parece um fenômeno imaterial, um prisma virtual lançado no escuro. Entretanto, a cor efetivamente está ligada ao seu meio material. Na arte moderna a escolha de determinadas técnicas é um ato expressivo, a matéria pictórica torna-se expressiva. Ao final do século XIX, a introdução de corantes e pigmentos criados a partir de processos químicos produziu uma enorme transformação na paleta do pintor, que passa a conter cada vez mais cores artificiais. As cores aplicadas na pintura se distanciam cada vez mais das cores locais, são signos que formam uma linguagem autônoma. A procura por uma nova composição pictórica fez com que os artistas se apoiassem em teorias cromáticas como as de Goethe, Chevreul, Ostwald. Os artistas buscam certas medidas ideais que revelariam uma natureza

oculta, ideal, suprema. As cores para o artista são antes abstrações do nosso espírito. Surge daí um simbolismo hermético, distante da representação da natureza. Boa parte dos experimentos cromáticos foi realizada com pedaços coloridos de pano ou de papel. Não por acaso, a colagem surge efetivamente como uma prática artística no século XX. As portas se abrem para uma pintura abstrata pautada numa geometria cromática, grades e círculos. A figura e o espaço circundante são construídos a partir de diversos planos cromáticos, pincelada e cor se fundem num gesto expressivo. Nesse caso, as cores efetivamente desempenham um papel ativo no espaço pictórico, visto que a interação entre os campos proporciona uma sensação expansiva da cor. Nesse processo de distanciamento em relação à “realidade exterior” o pintor se identifica muitas vezes com um ser capaz de tudo criar ou destruir no momento seguinte. Esse fenômeno está descrito com precisão em um conto célebre de Balzac, “A obra-prima ignorada” – aliás, um dos contos preferidos de Cézanne. Frenhofer é um pintor que acaba enlouquecendo ao buscar a obra-prima, mas que consegue apenas retratar um pequeno pé feminino no meio de um amontoado de manchas. A pintura se transforma em uma muralha abstrata, não há profundidade, apenas tinta aplicada na superfície da tela.

Podemos notar aqui como tanto o artista do Cambuci como o do Bairro do Limão absorveram a singularidade da pintura moderna com muita propriedade, embora com faturas radicalmente distintas. Ambos chamam atenção pelo aspecto rústico de suas construções. Se um nos faz pensar nas paredes sutilmente caídas, o outro nos leva para a superfície ríspida do concreto armado. Joviais, vibrantes, alegres e às vezes taciturnas, o fato é que as pinturas de Bernnô destoam pela sua singularidade. Não vemos pintura semelhante ser feita em São Paulo. Nem figurativas nem totalmente abstratas, nem datadas nem fora do tempo. Antes, resistem às intempéries e



Sem título, 2008  
Cera, tinta a óleo e automotiva sobre tela  
180 x 180 cm





Sem título, 2007  
Cera, tinta a óleo e automotiva sobre tela  
180 x 200 cm

continuam a vibrar. Verdadeiro romântico, Bernnô levou a vida ao limite. Passou em ritmo alucinado por aqui e, quem sabe, continua a viajar como um cometa prestes a causar terremotos ao colidir com outros planetas. Mas o que importa de fato agora é que mediante estas pinturas podemos presenciar fragmentos de uma vida intensa.





*Amarelo de outono* [díptico], 2005  
Cera, tinta a óleo e automotiva sobre tela  
140 x 180 cm [cada uma]

Sem título, 2005  
Cera, tinta a óleo e automotiva sobre tela  
180 x 180 cm











Série *O amarelo tomou conta*, 2009  
Cera, tinta a óleo e automotiva sobre tela  
180 x 200 cm [cada um]



Sem título, 2007  
Cera, tinta a óleo e automotiva sobre tela  
60 x 40 cm

Sem título, 2005  
Cera, tinta a óleo e automotiva sobre tela  
180 x 140 cm



# Calcined matter

Marco Giannotti

Those who had the privilege to meet José Bernnô certainly would define him as a solar personality. I was his teacher and above all his friend. In the year of his death, he had spent New Year's Eve with my family. In days of strong heat and rain, his main entertainment was teaching my children how to make kites. Nothing more consistent to someone who always enjoyed color high in the sky. Whoever had the privilege to know him also know that he was a hotheaded person, like an emotional volcano about to explode.

He does not become an artist in the classroom, but in the borough of Limão. It was there that he discovered he could combine the automotive painter experience with the canvas painter. Doors would close at 6pm and the artist awoke at dawn. No wonder that his most cogent statement on life was in his own workshop. Bernnô knew how to combine his contemporary concerns to community spirit. Always participating in activities of his neighborhood, he produced allegories for the samba school Mocidade Alegre. The painter from the borough of Limão, reminds us of Volpi, the painter from the borough of Cambuci. Both at the beginning of their careers would paint decorative frescoes. The ceiling of his room in a housing project, take us to dreamland of Italian painting and its grotesque.

The paintings selected for this exhibition are the record of a strong personality. Immediately we see paintings of intense chromatic surfaces intersected in an excruciating way, exacerbated and provoking. Bernnô knew how to make alchemy between oil painting and alkyd resins used for automotive purposes. While studying at the School of Fine Arts in São Paulo, he even made custom paint for cars. Maybe that's why his palette reminds us of the time when cars still had color: yellow Brasília, blue Corcel, beige Variant etc. He knew how to thrill color: we can see in his paintings a fragment of distressed yellow, elsewhere a passionate blue and in another corner a saddened orange. The pictorial matter appears to have gone through a calcination process to be subjected to the intense heat of a kiln. Geometric shapes are reconfigured in the process and take an organic, rocky appearance. Allude to the magma, which, as it cools in contact with the earth, has liquid shafts of various shapes. The figures seem to emerge from the volcanic matter.

Evoking a painting based on the surface may sound like modernist jargon. But the fact is that Bernnô makes this motto his reason for being. If we seek a reference, certainly the work of Clifford Still is fundamental. His large-scale paintings, with an imposing chromaticism, organic forms that collide, influenced many artists of abstract expressionism. Perhaps his most important contribution to this group has been the "all over", a composition that breaks with the classic relationship of figure and ground. The paint is revealed as a continuous space where the frame appears as a cut of a wider place. Intuitively Bernnô assimilated these characteristics in his work. He is not an artist who seeks a refined tonal painting as Paulo Pasta, artist and senior lecturer very important in his training. Indeed, perhaps influenced by his early painting, where the rougher surface was made to excavate the hidden matter. A blue trace touches on a red surface. But instead of evoking a distant past, these are colors of the world, posters, cars, and appliances. There arises a paint based on the surface of the screen, in an obstinately manner.

We do not have access to the weft of the screen, as a coating immune to water and new marks of time effectively calcined it. Although the glaring colors lead us to think of Van Gogh, the painting is not made with brush strokes that carry pure color fresh out of a tube of paint. The gesture hides the laminated surfaces.

His paintings resist the word, denote to a certain brutalism that makes us think of the red-painted structures that support the MASP (the Art Museum of São Paulo). They are placed in the space without shyness. As in reinforced concrete, they exhibit the marks of the casting process. Crusts emerge from this magma. Curious alchemy in which the oil painting loses its optical appearance and acquires mass, thanks to alkyd complements. The construction process is very similar to the bonding process, compositional method that is crucial in the way of articulating images from the twentieth century. In an important moment of his training he came to paint on unassembled cardboard boxes. In this case, the cutouts are grouped randomly and create a greater sense of unity than the sum of the parts. Chromatic fields assume a figure of aspect almost by chance, so that we come to imagine geometry back to meet with the world space. For this reason we find neither straight or perfect square lines in his painting. The vertical stems that appear from time to time remind us of the posts eroded by time and are about to fall after a thunderstorm. The horizon marks do not lead us to the sublime world; they are as simple marks made with enamel in a machine shop to avoid dirt. Bernnô thus celebrates the richness of the ordinary world, where anyone can participate, go into his workshop and have a beer.

Everything seems a little out of order: line, color and raw material. The beautiful comes from this estrangement created between the popular and the erudite. In this sense, the exhibition that opens at Galeria Estação seems very appropriate, because just there the Brazilian folk art is displayed alongside relevant artists of our scene. In Bernnô's case, a comparison with another popular artist would not fit, as he seeks to incorporate these two

different worlds. A singular figure, he tried to reconcile the opposing worlds of the North Zone and South Zone of São Paulo.

Once Eduardo Sued said that the problem of the yellow is that it is a very cheerful and open subject, but soon becomes an uncomfortable visit to one's house. Bernnô coexists nicely with that color. When we see a yellow in his paintings we feel a special pleasure to evoke his solar personality. Few artists actually learned to use so well that color in a city like São Paulo. Although gray is the most awarded color in our city, the fact is that we have a city permeated by red hollow bricks, the lime powder on the facades, the broken tiles, the colorful posters placed precariously on the avenues.

Taught in schools, the color looks an immaterial phenomenon, a virtual prism released in the dark. However, the color is actually connected to its material environment. In modern art the choice of certain techniques is an expressive act, in which pictorial matter becomes expressive. At the end of the nineteenth century, the introduction of dyes and pigments created from chemical processes produced a huge transformation in the painter's palette, which now contains more and more artificial colors. The colors applied in painting distance themselves increasingly of local color, as signs that form an autonomous language. The searches for a new pictorial composition made artists support their works in chromatic theories such as the ones by Goethe, Chevreul, and Ostwald. The artists seek certain ideal measures that would reveal a hidden nature, ideal, supreme. The colors for the artist are rather abstractions of our spirit. There arises an airtight symbolism, far from the representation of nature. Much of the chromatic experiments were carried out with colored pieces of cloth or paper. Not coincidentally, the glue comes effectively as an artistic practice in the twentieth century. The doors open to an abstract painting guided by a chromatic geometry, grids and circles. The figure and the surrounding space are built from several chromatic planes; brushwork and color merge into expressive gesture.



different worlds. A singular figure, he tried to reconcile the opposing worlds of the North Zone and South Zone of São Paulo.

Once Eduardo Sued said that the problem of the yellow is that it is a very cheerful and open subject, but soon becomes an uncomfortable visit to one's house. Bernnô coexists nicely with that color. When we see a yellow in his paintings we feel a special pleasure to evoke his solar personality. Few artists actually learned to use so well that color in a city like São Paulo. Although gray is the most awarded color in our city, the fact is that we have a city permeated by red hollow bricks, the lime powder on the facades, the broken tiles, the colorful posters placed precariously on the avenues.

Taught in schools, the color looks an immaterial phenomenon, a virtual prism released in the dark. However, the color is actually connected to its material environment. In modern art the choice of certain techniques is an expressive act, in which pictorial matter becomes expressive. At the end of the nineteenth century, the introduction of dyes and pigments created from chemical processes produced a huge transformation in the painter's palette, which now contains more and more artificial colors. The colors applied in painting distance themselves increasingly of local color, as signs that form an autonomous language. The searches for a new pictorial composition made artists support their works in chromatic theories such as the ones by Goethe, Chevreul, and Ostwald. The artists seek certain ideal measures that would reveal a hidden nature, ideal, supreme. The colors for the artist are rather abstractions of our spirit. There arises an airtight symbolism, far from the representation of nature. Much of the chromatic experiments were carried out with colored pieces of cloth or paper. Not coincidentally, the glue comes effectively as an artistic practice in the twentieth century. The doors open to an abstract painting guided by a chromatic geometry, grids and circles. The figure and the surrounding space are built from several chromatic planes; brushwork and color merge into expressive gesture.

In this case, the colors effectively play an active role in the pictorial space, as the interaction between the fields provides an expansive sense of the color. In this detachment process in relation to "external reality" the painter often identifies with a being that is able to create or to destroy in the following moment. In Fact, Balzac's "The Unknown Masterpiece" - one of the favorite stories of Cézanne, accurately describes this phenomenon. Frenhofer is a painter who goes crazy in seeking the masterpiece, but only manages to portray a small female foot in the middle of a bunch of spots. The painting becomes an abstract wall; there is no depth, just paint applied on the screen surface.

We may note here as both the artist from Cambuci as the Limão neighborhoods absorbed the uniqueness of modern painting with a lot of property, but with radically different notes. Both draw attention by the rustic appearance of their buildings. If one makes us think of walls subtly washed, the other takes us to the harsh surface of the concrete. Youthful, vibrant, cheerful and sometimes taciturn, the fact is that Bernnô paintings clash for its uniqueness. We see similar painting being done in São Paulo. Neither figurative nor completely abstract, not dated or out of time. They resist the weather and continue to vibrate. A true romantic, Bernnô brought life to the limit. A life of a hallucinating pace and, who knows, continues to travel like a comet about to cause earthquakes when colliding with other planets. But what really matters now is that through these paintings we can witness fragments of an intense life.

## CURRICULUM VITAE

**José Bernnô**

**São Paulo, 1946-2009**

### Exposições Individuais

- 2010** *Desenhos*, Estúdio Buck, curadoria Rodrigo Naves e Maurício Buck, São Paulo, SP
- 2009** Apresentação de trabalhos recentes, Oficina Ônix, São Paulo, SP
- 2008** *A matéria da pintura*, Estúdio Buck, curadoria Cauê Alves, São Paulo, SP
- 2006** Museu de Arte de Ribeirão Preto MARP, Ribeirão Preto, SP
- 2005** Oficina Ônix de Funilaria e Pintura, São Paulo, SP
- 2004** Oficina Ônix de Funilaria e Pintura, curadoria Pedro Lopes, São Paulo, SP  
*Inaugural Oficina Virgilio*, orient. Marco Giannotti e Osmar Pinheiro, São Paulo, SP

### Exposições coletivas

- 2008** Estúdio Buck, São Paulo, SP
- 2007** Galeria Virgilio, São Paulo, SP  
Escola São Paulo, curadoria Juliana Monachesi, São Paulo, SP  
Museu de Arte de Ribeirão Preto MARP, Centro Empresarial, Ribeirão Preto, SP  
11º Salão de Arte Contemporânea de São Bernardo do Campo, São Bernardo, SP  
35º Salão de Arte Contemporânea, Luiz Sacilotto, Santo André, SP
- 2006** *Passagem em permanência*, Centro Cultural Banco do Nordeste, Fortaleza, CE
- 2005** 30º SARP, Museu de Arte de Ribeirão Preto (Prêmio Aquisição), Ribeirão Preto, SP  
Instalação - Projeto *A Torre*, Ateliê 397, São Paulo, SP
- 2004** Instituto Tomie Ohtake, curadoria Paulo Pasta, São Paulo, SP  
Museu de Arte de Ribeirão Preto MARP, São Paulo, SP
- 2003** Museu Brasileiro de Escultura MUBE, São Paulo, SP

### Prêmios

Faculdade de Belas Artes, São Paulo, SP  
Museu de Arte Ribeirão Preto, (Prêmio Aquisição), Ribeirão Preto, SP  
Prefeitura de São Bernardo do Campo (Prêmio Aquisição), São Bernardo, SP

### Acervos

Faculdade de Belas Artes de São Paulo, SP  
Fundação Padre Anchieta, TV Cultura, São Paulo, SP  
Museu de Arte de Ribeirão Preto MARP, Ribeirão Preto, SP  
Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, SP  
Prefeitura de São Bernardo do Campo  
Museu de Arte Moderna de São Paulo MAM, São Paulo, SP

## BERNNÔ 2016

### Galeria Estação

Diretores

**Vilma Eid**

**Roberto Eid Philipp**

Curadoria

**Marco Giannotti**

Textos

**Marco Giannotti**

**Vilma Eid**

Produção e desenho gráfico

**Germana Monte-Mór**

Secretaria de produção

**Giselli Mendonça Gumiero**

**Rodrigo Casagrande**

Fotos

**João Liberato**

Revisão de texto

**Otacílio Nunes**

Montagem

**MIA - Montagem de instalações artísticas**

Iluminação e apoio de produção

**Marcos Vinícius dos Santos**

**Kleber José Azevedo**

Assessoria de imprensa

**Pool de Comunicação**

Impressão e acabamento

**Lis Gráfica**

**GALERIA  ESTAÇÃO**

rua Ferreira de Araújo 625 Pinheiros SP 05428001

fone 11 3813 7253 [galeriaestacao.com.br](http://galeriaestacao.com.br)



